

A INFLUÊNCIA MEDIÁTICA NO FILME “O QUARTO DE JACK”: UMA ANÁLISE SOB A ÓTICA DE VYGOTSKY

THE MEDIATIC INFLUENCE IN THE MOVIE “ROOM”: AN ANALYSIS UNDER THE PERSPECTIVE OF VYGOTSKY

Elaine Cristina Gomes de Moraes

Doutora em Comunicação pela FAAC- Unesp; Docente da FIB Bauru; moraes.e@gmail.com;
<https://orcid.org/0000-0001-6750-0905>

João Paulo Martins

Docente do curso de Psicologia da FIB Bauru, Bauru, SP, Brasil;
joao.martins.psi@gmail.com;

Resumo: A linguagem tem papel fundamental no processo de desenvolvimento cognitivo humano, considerada por Vygotsky o instrumento do pensamento e a forma primária de mediação nas relações humanas. Por outro lado, atualmente se vivencia um contexto permeado pela onipresença dos meios de comunicação, fundamentais para mediar outras formas de interação e ampliar o conhecimento dos indivíduos. Propôs-se, neste estudo, compreender as influências mediáticas no processo de aprendizagem, sob a ótica de Vygotsky, tendo como objeto de análise o filme “O quarto de Jack”. Como procedimentos metodológicos, após a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre a teoria da aprendizagem de Vygotsky e a mediatização, fez-se uma pesquisa descritiva, tendo como critério de análise, as cenas nas quais aparecem, de alguma forma, um meio de comunicação. Como resultados, reitera-se a importância da mediatização, somada à mediação pela linguagem, no processo de aprendizagem através da internalização de novos signos.

Palavras-chave: Comunicação, Aprendizagem, Mediatização, Meios de comunicação, Cultura.

Abstract: Language plays a fundamental role in the process of human cognitive development, considered by Vygotsky as the instrument of thought and the primary form of mediation in human relationships. On the other hand, it is currently experienced a context permeated by the ubiquity of the media, which is essential to mediate other forms of interaction and expand the knowledge of individuals. In this study, it was proposed to understand the media influences in the learning process, from the perspective of Vygotsky, having as object of analysis the film “Room”. As methodological procedures, after carrying out a bibliographic research on Vygotsky’s learning theory and mediatization, a descriptive research was carried out, having as an analysis criteria, the scenes in which somehow means of communication appear. As a result, the importance of mediatization, added to the mediation by language in the learning process through the internalization of new signs is reiterated.

Keywords: Communication, Mediatization, Learning, Media, Culture.

1 INTRODUÇÃO

Na história da humanidade, alguns acontecimentos foram fundamentais para o desenvolvimento da espécie humana, como o surgimento da linguagem (gestual e oral) e, posteriormente, da escrita. A partir destes, o homem passou a criar e desenvolver outras formas de comunicação, mediadas por instrumentos capazes de disseminar e amplificar as informações, como o telégrafo, o telefone, o jornal, o rádio, o cinema, a televisão e, mais recentemente, a internet. Com o tempo, esses meios, usualmente chamados de 'mídias', se tornaram tão onipresentes na sociedade que, atualmente, não podem mais ser dissociados das instituições sociais e culturais (BRAGA, 2012).

Antecedendo a relevância dos meios de comunicação, pode-se considerar que a linguagem exerce papel primordial no desenvolvimento cognitivo humano, uma vez que é considerada por Vygotsky, o "instrumento do pensamento" (LUCCI, 2006, p. 4). Embora o pensamento e a linguagem tenham origem genética distintas e somente posteriormente se encontram (VYGOTSKY, 2008), em sua visão, é a partir da linguagem que o pensamento se forma e as relações sociais ocorrem, resultando, assim, na construção da cultura e, conseqüentemente, da história do homem.

Seguindo essa premissa, Vygotsky desenvolve sua teoria sobre a aprendizagem, partindo de uma ontologia¹ na qual entende que o homem é um ser histórico-social e histórico-cultural, que se molda e é moldado pela cultura (LUCCI, 2006). As características humanas não são exclusivamente determinadas a partir do nascimento, mas vão se construindo a partir da interação do homem com a sociedade, numa relação de transformações recíprocas, na qual o homem é moldado pela cultura de uma sociedade, mas também se torna protagonista no processo de renovação cultural, conforme explicam Coelho e Pisoni (2012).

Sob a ótica de Vygotsky, tudo que aprendemos está diretamente relacionado com as interações sociais vivenciadas, que vão formando a nossa cultura, que é modificada pelo homem e o modifica constantemente. Um exemplo que ilustra essa visão são os meios de comunicação, que, incorporados de forma 'natural' na maioria das sociedades, influenciam muitas vezes, de forma quase que imperceptível, o nosso comportamento, ou seja, o que e como consumimos, a forma como interagimos e até mesmo do que gostamos.

1 O termo "ontologia" tem suas bases na filosofia Grega, mais especificamente nos escritos aristotélicos sobre a metafísica. Ontologia, nesse sentido, significa o Ser enquanto Ser, ou mesmo o estudo ou conhecimento do Ser. Assim, pode-se dizer que a partir das considerações ontológicas, constrói-se todas as outras formas epistemológicas e metodológicas de conhecimento (SCHIESSL, 2007). Quando, então, se fala de uma ontologia nos dias de hoje, busca-se a compreensão da natureza do Ser daquele ente em questão.

A relação entre a teoria de aprendizagem de Vygotsky e a influência dos meios de comunicação será apresentada, neste estudo, a partir da análise do filme “O quarto de Jack”, de 2015, dirigido por Lenny Abrahamson. Retomando a visão de Braga (2012), mencionada anteriormente, a relevância da onipresença dos meios de comunicação na sociedade reside sobretudo nas transformações socioculturais, que constituem, basicamente, o conceito de mediatização (HJARVARD, 2012). Nesse sentido, a relevância deste estudo torna-se evidente ao apresentar nas narrativas as mediações que decorrem dos meios de comunicação, que resultam no aprendizado dos personagens, aludindo ao contexto dos indivíduos na vida em sociedade.

Tomando como base a inter-relação entre a teoria da aprendizagem de Vygotsky e o conceito de mediatização na análise do filme, este estudo pretende responder ao seguinte problema de pesquisa: quais as influências mediáticas no filme “O quarto de Jack”, sob a ótica de Vygotsky?

Este estudo constitui uma pesquisa descritiva e, para sua realização, como procedimentos metodológicos, inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre a teoria de aprendizagem de Vygotsky e um dos conceitos estudados sobre as teorias dos meios de comunicação, a mediatização. Na sequência, após assistir ao filme, estabeleceu-se como critério de análise, as cenas nas quais aparecem, de alguma forma, um meio de comunicação. Na análise, as cenas são descritas, buscando-se relacioná-las com a teoria da aprendizagem de Vygotsky.

Este estudo está estruturado da seguinte forma: após a Introdução, explana-se brevemente a teoria da aprendizagem de Vygotsky e, na sequência, a mediatização a partir da visão de três pesquisadores da área: Stig Hjarvard, Eliseo Véron e José Luiz Braga. Antecedendo a análise, descreve-se brevemente a narrativa pesquisada, apresenta-se a análise e, para encerrar, as Considerações Finais.

2 A TEORIA DA APRENDIZAGEM DE VYGOTSKY

Lev Semiovitch Vygotsky nasceu em 1896, na cidade de Orsha, na Rússia e sua família vivia em condições financeiras e intelectuais privilegiadas. Segundo filho entre oito irmãos, seu pai tinha uma biblioteca em casa e sua mãe falava diversos idiomas, gostava de poesia e se dedicou à criação dos filhos. Vygotsky iniciou o curso de Medicina, o qual abandonou após um mês e matriculou-se no curso de Direito, realizando estudos concomitantemente de Filosofia e História. Graduiu-se em Direito em 1917, pela Universidade de Moscou. Destacava-se por sua habilidade a oratória, exercendo o que muitos consideravam como

um poder hipnotizador (MOLON, 2016).

Quando Vygotsky desenvolve sua teoria sobre a aprendizagem, o contexto histórico vivenciado é a Revolução Russa, de 1917, com um índice de analfabetismo de aproximadamente 70% da população. O psicólogo, que veio de uma formação humanista, propôs uma forma de superar o dualismo na psicologia, que, ao propor uma diversidade de objetos, não eram capazes de oferecer respostas aos fenômenos psicológicos, uma vez que trabalham com fatos diferentes. Sua proposta, então, baseia-se nos princípios do materialismo histórico-dialético de Karl Marx (LUCCI, 2006). Esse autor ainda explica que Vygotsky

[...] propõe uma teoria marxista do funcionamento intelectual humano que inclui tanto a identificação dos mecanismos cerebrais subjacentes à formação e desenvolvimento das funções psicológicas, como a especificação do contexto em que ocorreu tal desenvolvimento (LUCCI, 2006, p. 4).

Ao estudar a relação indivíduo e sociedade, Vygotsky entende que as características humanas não se encontram desde o nascimento, tampouco podem ser sintetizadas como fruto das pressões do meio externo. As características humanas resultam das interações entre o homem e a sociedade (COELHO; PISONI, 2012). Nesse sentido, observa-se o papel da cultura (que ainda será mencionada nesta seção) no desenvolvimento humano, numa relação de influência mútua entre indivíduos e sociedade. Nesse apontamento vê-se as bases construtivistas da visão de homem de Vygotsky.

O autor supracitado argumenta que a linguagem e o pensamento humano têm raízes distintas e assim, inicialmente, a linguagem não é verbal e o pensamento não é intelectual. Isso começa a se modificar a partir do desenvolvimento da criança, e é por volta dos dois anos que linguagem e pensamento se cruzam. A criança nasce apenas com as funções psicológicas elementares e é a partir da interação cultural que se desenvolvem as funções psicológicas superiores, que envolvem “o controle consciente do comportamento, a ação intencional e a liberdade do indivíduo em relação às características do momento e do espaço presente” (COELHO; PISONI, 2012, p. 146).

Vygotsky distingue as funções psicológicas elementares e as funções psicológicas superiores, sendo a primeira, presente em outros animais e seres humanos, enquanto as funções superiores são encontradas nos humanos, constituídas pelos aspectos socioculturais. Vygotsky não atribuiu uma rivalidade entre as características biológicas e sociais do homem, mas as entendeu como justapostas. Para acessar a memória, por exemplo, é necessário recorrer às funções psicológicas elementares, que correspondem ao funcionamento cerebral (LUCCI, 2006). Mesmo não contrapondo essas duas esferas, outros autores se debruçaram a estudar as características biológicas, como, por exemplo,

Luria. Por outro lado, motivado por construir uma psicologia diferente, considerou os aspectos culturais como constituintes do sujeito, interessando-se por problemas sociais, políticos e educacionais, como explica Molon (2016).

Vygotsky atribui à mediação relevância fundamental para conhecermos algo, principalmente a linguagem, que é considerada, para o pesquisador, a primeira forma de mediação. Ele entende que "a linguagem e os signos constituem os fenômenos psicológicos" (MOLON, 2016, p. 21). A partir da mediação entramos em contato com tudo aquilo que é novo e com o que já conhecemos e isso tudo vai sendo internalizado, podendo ser acessado pela memória e, assim, o desenvolvimento mental resulta da interiorização das funções psicológicas (LUCCI, 2006). Sob essa ótica, a interação humana é sempre pautada por alguma forma de mediação.

Em seus estudos, Vygotsky destaca, ainda, em sua teoria, dois conceitos relacionados à aprendizagem: o desenvolvimento real e o desenvolvimento potencial. No caso da criança, o desenvolvimento real se refere a tudo que ela é capaz de realizar sozinha, sem o auxílio de um adulto. O desenvolvimento potencial é tudo que a criança pode realizar com o auxílio de outro adulto, por isso, as experiências sociais da criança são de grande relevância, pois ela aprende também pelo que observa. Desses dois conceitos, Vygotsky define o conceito de zona de desenvolvimento proximal, como "a distância entre os dois níveis de desenvolvimentos", ou seja, "o período que a criança fica utilizando um 'apoio' até que seja capaz de realizar determinada atividade sozinha" (COELHO; PISONI, 2012, p. 148). Conforme a criança vai desenvolvendo suas potencialidades, aumenta sua zona de desenvolvimento real e novas possibilidades de aprendizado surgem durante toda a vida.

Todo aprendizado é permeado pela cultura, história e sociedade onde vive o indivíduo. Partindo da premissa de que o homem é um ser histórico-social, Vygotsky argumenta que ele está inserido social e historicamente em uma cultura, que o modifica e é modificada por ele (COELHO; PISONI, 2012; LUCCI, 2006; MOLON, 2016). Vygotsky (2008) entende que não são os fatores congênitos que definem as habilidades cognitivas e as formas de estruturar o pensamento, mas são os fatores sociais. A forma de pensar de um indivíduo está relacionada à história da sociedade em que vive e à sua história de vida, tudo isso, permeado pela cultura na qual está inserido.

Embora 'cultura' seja um termo muito utilizado no senso comum, seu conceito é amplo e não há um consenso do termo entre antropólogos (MARCONI; PRESOTTO, 2018), sendo, ainda, considerado um dos termos mais complexos da Sociologia, na visão de Giddens e Sutton (2016). 'Cultura' seria o suposto antônimo de 'natureza' o que já nos sugere a ideia de dinamismo. Esses autores entendem que "cultura se refere a todos os elementos do modo de vida de uma sociedade que podem ser aprendidos, como idioma,

valores, regras sociais, crenças, hábitos e leis" (GIDDENS; SUTTON, 2016, p. 213). Por se tratar de elementos que podem ser aprendidos, torna-se clara a noção de transformação, considerando que tudo isso pode ser mudado com a inserção de novos componentes e a supressão daqueles que podem ser considerados ultrapassados. Ainda tomando como referência a definição do termo, a cultura é exclusiva do homem, que tem a capacidade de construí-la e modificá-la, tendo assim uma proposição dialética e material.

A partir dos conceitos explanados, de forma resumida, alguns dos pressupostos, descritos por Lucci (2006) que integram a teoria da aprendizagem de Vygotsky são:

- O homem é um ser histórico, social e cultural, molda e é moldado pela cultura;
- O indivíduo é moldado por meio de suas relações sociais;
- A atividade mental é exclusivamente humana, que resulta da aprendizagem social, da cultural e das relações sociais;
- A atividade cerebral superior não se restringe aos circuitos neuronais, mas é "uma atividade que interiorizou significados sociais derivados das atividades culturais e mediada por signos" (p. 5);
- A linguagem é a principal forma de mediação na formação das funções psicológicas superiores e engloba diversas formas de expressão, como a gestual, oral etc.;
- A interiorização das funções psicológicas superiores está diretamente relacionada, entre outros fatores, à cultura.

Um instrumento que pode ser considerado produção cultural e um meio para acesso cultural são os meios de comunicação, tanto os de massa (televisão, rádio, jornal e outros) como os digitais (provenientes da internet). Braga (2001) destaca a importância dos meios de comunicação para as diferentes formas de interação social, denominadas 'interações mediatizadas'. O termo é utilizado para distinguir as interações que envolvem o uso de um meio de comunicação, independentemente de como ocorrem (tempo real, modo simétrico ou assimétrico etc.). A relevância dessas interações, para Braga (2006) não está em sua simetria ou se ocorre em tempo real, como um diálogo face a face, mas o uso feito pelo 'receptor' (suprimindo-se uma visão passiva do sujeito) a partir das interações, ou seja, sua decisão sobre essas mediações.

Relacionando a teoria da aprendizagem de Vygotsky com os meios de comunicação, tem-se a possibilidade de, cada vez mais, potencializar a zona de desenvolvimento proximal dos indivíduos. As interações mediadas pelos meios de comunicação (ou interações mediatizadas) são formas cada vez mais presentes no cotidiano da maioria das sociedades, facilitando o acesso às informações a partir da linguagem mediada pelos meios e sua internalização.

3 A MEDIATIZAÇÃO

Em uma breve retomada histórica, observa-se diferentes formas de interação humana a partir de diversos tipos de mediação. Uma forma importante de mediação resulta dos meios de comunicação, os *media*, que influenciam nas mudanças sociais e culturais, desde a invenção da prensa de tipos móveis, por Johannes Gutenberg, em 1450, à internet, que ampliaram de forma significativa a disseminação das informações e as práticas sociais e culturais. A influência desses meios, sua onipresença e as transformações que deles decorrem, englobam um conceito que, apesar de ser mais conhecido recentemente, já é antigo e é denominado 'mediatização'.

Apesar da complexidade do conceito e a falta de consenso entre pesquisadores, basicamente, pode-se atribuir à mediatização duas características: 1) o espaço central ocupado pelos meios de comunicação na sociedade de modo que eles não devem ser considerados separadamente desse contexto (BRAGA, 2012); 2) um sentido de mudança relacionado à influência dos meios de comunicação tanto na sociedade como na cultura (HJARVARD, 2012; HEPP, 2014). Essas duas características estão diretamente relacionadas às interações humanas e suas transformações.

Sobre a mediatização, Stig Hjarvard explica que

Por mediatização da sociedade, entendemos o processo pelo qual a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida a ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica. Esse processo é caracterizado por uma *dualidade* em que os meios de comunicação passaram a estar *integrados* às operações de outras instituições sociais em pleno direito. Como consequência, a interação social – dentro das respectivas instituições, entre instituições e na sociedade em geral – acontece através dos meios de comunicação (HJARVARD, 2012, p. 64).

O pesquisador explica que a mediatização é um processo no qual diversas atividades do cotidiano adquirem a forma de meio de comunicação, que pode ser classificada de dois modos: mediatização forte e a mediatização fraca, dependendo da influência recebida. A mediatização forte (ou direta) se refere às atividades que não eram realizadas por um meio de comunicação no passado e passaram a ocorrer a partir da mediação com o meio, que inclui desde os meios analógicos como os digitais. Como exemplo, pode-se mencionar desde as atividades bancárias que passaram a ser realizadas por meio dos caixas eletrônicos passando às operações mediadas pela internet, principalmente pelos *smartphones*. A mediatização fraca (ou indireta) se refere à influência mediática nas ações do cotidiano, como exemplo, a influência da moda na sociedade a partir da televisão.

Já Verón (2014) amplia o olhar para a mediatização, enfatizando os processos mentais exteriorizados como dispositivos materiais, resultantes da capacidade de semiose

humana. O autor distingue sua visão do pensamento de Stig Hjarvard, que define a mediatização como um processo universalizado das sociedades, enquanto Verón enfatiza o caráter histórico, a capacidade de atribuir significados e a temporalidade relacionada às transformações. O primeiro estágio da capacidade humana de construir significados advém de milhões de anos quando o homem passou a construir ferramentas para caçar e se alimentar, o que ele classifica como a base introdutória da mediatização. Posteriormente, surge a escrita, o desenvolvimento da imprensa a partir da invenção da prensa de tipos móveis de Gutenberg, bem como a impressão de livros ao surgimento dos meios de comunicação no século XX, como a televisão.

O desenvolvimento de um meio, que atua através de um dispositivo técnico-comunicacional produz efeitos radiais, atingindo todas as direções e em diferentes intensidades. Esse caráter radial resulta de sua natureza sistêmica, que produz relações não-lineares. Isso tudo decorre da aceleração do tempo histórico, como nas culturas do Alto Paleolítico, em que a escala de mudança no desenvolvimento de novas ferramentas de pedra era de milhares de anos, já após a prensa de Gutenberg, a Europa sofreu em cerca de dois séculos, mais mudanças sociais, políticas e culturais do que nos mil e quinhentos anos anteriores. Com a internet, em cerca de dez anos, a condição de acesso ao conhecimento mudou mais do que as mudanças advindas da revolução científica no século XVII (VERÓN, 2014).

Para o autor, a mediatização "é apenas o nome para a longa sequência histórica de fenômenos midiáticos sendo institucionalizados em sociedades humanas e suas múltiplas consequências" (p. 15). O que acontece atualmente nas sociedades, de fato, já teve início há muito tempo. Nesse sentido, a visão do autor remete à capacidade humana de produzir significados às coisas, que são compartilhados socialmente. Essa capacidade infinita é responsável não apenas pelas grandes transformações socioculturais, mas pela velocidade na qual elas acontecem.

Em seus estudos, Braga (2009, 2012) argumenta que os meios de comunicação não se dissociam mais da sociedade e reitera sua importância para além das interações dialogais ou face a face, superando a dicotomia emissor-receptor, atribuindo a este último, um caráter de protagonismo no processo comunicacional. O que importa, para o autor, não é a mensagem recebida, mas a apropriação do receptor e a produção de novos sentidos, a partir de suas interações, que se tornam diferidas e difusas, prolongando-se e difundindo-se no tempo e no espaço. Embora o termo 'mediatização' esteja diretamente relacionado aos meios de comunicação, Braga (2009) explica que o conceito vai além do que ocorre na presença desses meios, mas, principalmente se relaciona com suas consequências, sobre o que o receptor decide fazer com a mensagem recebida.

Para o autor, a mediatização envolve duas vertentes. A primeira se refere ao uso institucional dos meios, no qual instituições diversas permeiam suas ações através dos meios de comunicação, como a política, a religião etc. (BRAGA, 2012). A outra instância da mediatização é considerada um nível macro, que seria a mediatização de toda a sociedade, a partir do uso dos meios para ações que não eram mediadas dessa forma anteriormente (BRAGA, 2006), como a compra de produtos pela internet, por exemplo. Para isso, há um componente social que influencia no desenvolvimento das tecnologias, independentemente de serem digitais ou analógicas. Não se trata da criação de uma tecnologia para ser inserida na sociedade, mas ela resulta de uma demanda social.

Nesse sentido, Braga (2012) explica que a mediatização envolve três etapas. A primeira é o desenvolvimento de uma tecnologia para atender a uma demanda social, que implica uma necessidade que antecede a existência da tecnologia. O surgimento dessa tecnologia para um determinado uso tem sua finalidade deslocada para outros contextos, ou seja, a partir da disponibilidade da tecnologia, outras finalidades lhe são atribuídas. A terceira etapa caracteriza-se pela autopoiese do sistema, que é recriado para outras demandas sociais (BRAGA, 2012).

Diante do exposto, a mediatização, independentemente da vertente estabelecida, é um conceito que, embora esteja sendo mais conhecido atualmente, já é antigo e apresenta características comuns, como: a) a onipresença dos meios de comunicação na sociedade; b) a relevância dos meios de comunicação para as transformações sociais e culturais; c) a mediatização não está circunscrita aos meios digitais, embora eles estejam cada vez mais incorporados ao cotidiano.

4 O QUARTO DE JACK

No filme, mãe e filho vivem, na condição de reféns, em um quarto. Joy (a mãe) foi sequestrada aos 17 anos, pelo velho Nick, que a mantém trancada em um container, no quintal de sua casa. Sendo obrigada a manter relações sexuais com ele, Joy engravida e nasce Jack, que conhece o mundo a partir das histórias contadas por sua mãe. Até os cinco anos de idade, Jack nunca havia saído desse espaço, que era chamado de 'quarto'.

Na primeira parte do filme, no quarto, Jack interage com sua mãe e com os objetos presentes. Sua mãe o ensinara que o mundo seria aquele quarto e, fora dele, estaria o espaço sideral, e, acima, o céu. Quando Nick traz alimentos ou roupas, Jack acredita que isso ocorra por um processo de magia. Jack assiste aos desenhos e programas da televisão, mas acredita que eles sejam apenas fantasias. Quando Jack completa cinco anos, sua mãe lhe presenteia com um bolo de aniversário e, na sequência, planeja uma fuga que,

inicialmente, o deixa incomodado, já que ela desmente toda a história contada ao longo dos seus cinco anos.

Joy havia simulado que Jack estaria doente para tentar ludibriar o velho Nick e conseguir que ele o levasse ao hospital e, posteriormente, ele fugisse, mas o velho Nick não consentiu. Então, a mãe combina uma outra estratégia com Jack: quando o velho Nick chegasse no quarto, Jack fingiria que estaria morto e ela o enrolaria no tapete e pediria para Nick levá-lo de carro para ser enterrado em outro local. Na sequência, Jack consegue fugir e, em breve sua mãe é resgatada do cativo, dando início a uma nova fase de aprendizados para Jack, agora com a realidade fora do quarto.

Jack, assustado diante da novidade do mundo real, passa a conhecer as pessoas reais, os objetos reais e começa a interagir de outras formas, mediadas por outros meios, como o celular. Quando chegam à casa da mãe de Joy, há uma multidão que os aguarda nas proximidades, incluindo diversas equipes jornalísticas. Uma jornalista, apresentadora de um programa de televisão, consegue uma entrevista com Joy, a quem são direcionadas diversas questões que ultrapassam os limites éticos, como se a escolha de proteger Jack, mantendo-o no cativo, teria sido o melhor para ele. Após a entrevista, Joy tenta o suicídio.

5 ANÁLISE DO FILME

Para a análise, o recorte estabelecido se refere às mediações mediatizadas, ou seja, aquelas que ocorrem a partir dos meios de comunicação, ainda que precedidas pela linguagem. O que se observa no filme é a forte presença da televisão, por meio do próprio aparelho, bem como de profissionais da televisão, como equipes jornalísticas. Além disso, no decorrer da narrativa, se observa também o telefone fixo e o aparelho celular (*smartphone*).

Na etapa em que Jack mora no quarto com sua mãe, ganha destaque a televisão, que é uma forma de mediar a realidade externa (que nesse momento era apenas uma fantasia) com o mundo vivenciado pelo protagonista. Retomando resumidamente a teoria de Vygotsky, a linguagem é a principal (ou primeira) forma de mediação, portanto, a televisão só medeia a comunicação porque Jack já conhece linguagem e pode interagir com a televisão, por meio dos signos, internalizando significados e aumentando sua zona de conhecimento real.

Uma cena que ilustra a explanação anterior é o dia em que Jack completa cinco anos e sua mãe o presenteia com um bolo de aniversário. Mas antes disso, sua mãe diz que eles irão fazer um bolo e Jack questiona se seria um bolo como na TV; quando sua mãe diz que

sim, ele responde que não tem como. Como ele havia aprendido que tudo o que se via na televisão era irreal, então, ele deduziu que não seria possível fazer um bolo real.

Jack ajuda sua mãe a preparar o bolo, mas quando está pronto, Jack, inicialmente, se recusa a comer porque não há velas no bolo e, em suas mediações pela televisão, Jack aprendeu que um bolo de aniversário tem velas em chamas. Observa-se, então, um momento no qual o real e o irreal se cruzam: Jack entendia que o que havia na televisão era irreal, mas sua mãe 'materializou' um bolo de aniversário. Porém, faltava um elemento para formar o conceito de 'bolo de aniversário', as 'velas'. Jack, irritado, questionou à mãe por que ela não pediu ao velho Nick que trouxesse as velas, como 'presente de domingo', pois, de acordo com o que ele havia aprendido, o velho Nick conseguia tudo o que quisesse por meio de magia.

Apesar de acreditar que a vida exibida pela televisão não existisse em uma dimensão real, Jack havia aprendido o que eram outras pessoas, animais e objetos. Jack interagiu com sua mãe, com seus brinquedos e com a própria televisão. Em um momento, Jack narra que esquilos e cachorros só existem na televisão e, por esse meio, ele assistia aos desenhos, como os de dinossauros. Ele dizia que tinha um cachorro, que também não era real, era um desenho que ele havia feito, embora nesse momento, para ele, nenhum cachorro seria real porque só existiam na televisão. Mas Jack havia aprendido os signos e entendia o significado da palavra 'cachorro', assim como da imagem de um cachorro.

Jack compreendia o significado de muitas coisas, mas para distinguir o que era real do que não existia realmente, ele considerava tudo o que havia no quarto. Ele havia aprendido o que era uma árvore, mas entendia que elas não eram reais porque ele só aprendeu o que era uma árvore por meio da televisão. Porém, uma planta era real porque havia um vaso com uma planta no quarto. Assim como um cachorro não seria real, exceto se o velho Nick o 'fizesse' por meio de magia, Jack sabia que aranha e mosquito eram reais, pois já havia visto uma aranha no quarto e um mosquito já havia lhe sugado o sangue em uma ocasião. Jack considerava as pessoas da televisão como chatas e coloridas; obviamente eram mediações distintas às vivenciadas por ele e sua mãe no quarto: eram outros temas discutidos por aquelas pessoas 'chatas' em cenários com mais cores, como as roupas coloridas, que eram distintas às dele e de sua mãe.

A delimitação do quarto era o mundo real de Jack, mas ele havia aprendido o significado de magia, como um poder que o velho Nick tinha para materializar coisas, que acontecia por meio da televisão, bem como tudo o que não fosse real, estaria na televisão. Jack sabia que o velho Nick trazia alimentos e roupas a eles, mas entendia que ele obtinha tudo pela televisão, por meio de magia. Em uma cena, em que aparece um rato, a mãe arremessa um objeto para espantar um rato, mas Jack ficou irritado com a mãe, achando que ela o tinha matado. Ela explica que ele foi para o quintal e Jack questiona: "Qual quintal, na TV"? Em um outro momento, enquanto a mãe e Jack assistem televisão e ela

constrói um brinquedo a ele (uma cobra de casca de ovo), Jack pergunta se para sonhar eles entram na TV e Joy responde que eles nunca saem do quarto.

Quando Joy começa a contar a ele sobre o mundo real, Jack inicialmente não acredita que ele realmente existiria. Jack havia internalizado significados muito diferentes daqueles que a mãe estava começando a compartilhar e, naquele momento, Jack teria que se abster deles porque eram irreais e, então, teria que reiniciar um novo processo de aprendizado. Logo, ele começa a questionar como tudo seria, já que para ele, o mundo real era o espaço delimitado do quarto. Torna-se evidente, nesse momento, a relevância da televisão no aprendizado de Jack. Ao se deparar com informações novas, as quais não entende ainda, Jack atribui à televisão possíveis respostas para tentar compreender.

Joy conta a Jack sobre a casa em que morava com seus pais e explica-lhe que ele os chamaria de avós. Ela começa a descrever a casa, em um cenário oposto ao que ele entendia como realidade: a casa ficava no mundo, tinha um quintal com rede em que eles poderiam se balançar e tomar sorvete. Recorrendo à sua zona de desenvolvimento real, Jack entendia que essa seria uma possibilidade restrita à TV e questiona sua mãe se essa seria uma casa da televisão e ela diz que é uma casa real. Durante a noite, Jack acorda e chama sua mãe, que está dormindo. Jack tenta acordá-la, pressionando o controle-remoto em sua direção, já que essa é a forma de ligar a televisão, mas Joy não acorda.

O significado da televisão para Jack transcendia seu papel de mediadora por meio de signos, mas era também a resposta para aquilo que ele não entendia. Ele havia internalizado o conceito de magia, cuja mediação era feita pela televisão. Em uma realidade fictícia, com cenários dinâmicos que não existiam realmente, exceto pela televisão, Jack entendia seu 'poder mágico', que daria conta de criar a casa de seus avós, os alimentos trazidos pelo velho Nick, a entrada na televisão para sonhar e todos os seres e objetos que ela tinha o poder de criar nesse mundo imaginário.

A zona de desenvolvimento real de Jack começa a se expandir intensamente quando ele completa cinco anos, com os novos significados compartilhados pela mãe sobre o mundo real. Mais uma vez, a mediação pelos signos da televisão ganha relevância: Jack está assistindo à televisão e aparecem tartarugas, ele questiona sua mãe se tartaruga é real, assim como outros animais, como crocodilo e tubarão, e sua mãe responde afirmativamente. Ele muda de canal e vê uma cena de uma novela de uma época antiga e questiona se aquelas pessoas são reais. Joy explica que as pessoas são reais, mas estão fantasiadas. Jack ainda não havia internalizado o significado do que era real ou não, e questiona se 'Dora', personagem de um desenho animado, era real e a mãe explica que não.

A entrada de um novo meio de comunicação ocorre no hospital, após o resgate de Joy e Jack. Após a mãe acordar, enquanto conversava com Jack, o telefone fixo do quarto toca e Jack se assusta com o toque. Era uma mediação nova, cujo signo ainda não havia sido

internalizado: para Jack, após o som assustador daquele objeto, a mãe o coloca próximo à sua orelha e começava a falar. Jack cada vez mais vai ampliando seu desenvolvimento real, que ocorre também pela observação. Em uma outra vez que o telefone toca, Jack já não se assusta, mas olha em direção ao aparelho, enquanto sua mãe o atende. Ainda no hospital, em uma cena breve, Jack tem o primeiro contato com um aparelho de MP4, que está conectado por meio de um fone de ouvido, em suas orelhas.

Ainda no hospital, Jack está deitado ao lado de sua mãe no quarto assistindo TV, quando a notícia sobre sua história está sendo transmitida. Joy presta atenção à notícia, ao mesmo tempo em que aparece a seguinte narração de Jack: "o mundo é como todos os planetas da televisão ao mesmo tempo". Enquanto para Joy a notícia sobre seu resgate é algo que prende sua atenção, dada sua expressão facial, para Jack, tudo é completamente novo e sua zona de desenvolvimento potencial é nitidamente ampla, pois há muitos signos novos para interiorizar.

Quando chegam à casa da mãe de Joy, escoltados pela polícia, há uma multidão que os aguarda, assim como jornalistas, fazendo a cobertura ao vivo, como é possível ouvir em uma narração. A notícia havia sido espalhada pelos meios de comunicação. Jack e Joy passam rapidamente pela multidão, enquanto jornalistas tentam alcançá-los na expectativa de obterem alguma informação diretamente pela mãe, o que não ocorre.

Jack olha pela janela da sala e é possível observar a presença de jornalistas, inclusive, algumas conversas sobre como Jack poderia estar. Sua mãe lhe diz para sair de perto da janela. Mais tarde, o advogado orienta a família sobre alguma estratégia para a mídia, argumentando que uma entrevista em horário nobre poderia gerar dinheiro para custear os custos de todo o processo.

Em um outro momento, Jack está assistindo a um desenho animado pelo celular. Sua mãe se irrita após acordar com o som decorrente da fala dos personagens e o ordena a descer, mas o segura pelo braço e o leva próximo a outros brinquedos, para que ele interaja com eles, mas não com o celular. Torna-se evidente, mais uma vez, o processo de aprendizagem de Jack: embora o instrumento tenha se modificado (era uma televisão anteriormente e agora, um aparelho *smartphone*), Jack havia aprendido a assistir desenho pela televisão e, então, a tela do celular era menor, mas tinha a função de uma televisão, que ele já conhecia. Embora houvesse um grande número de brinquedos para Jack, ele ainda não os conhecia, e, assim, não traziam nenhum significado a ele.

Na sequência, Joy se prepara para conceder uma entrevista a um programa de televisão em sua casa. Toda a preparação é feita e ela é orientada pela jornalista a se manifestar caso não se sinta confortável com alguma pergunta. Tem-se aí um paradoxo, considerando que, por um lado, ela teria autonomia para se manifestar, como lhe foi dito pela jornalista, que a Joy conduziria a entrevista, por outro, o limite ético pode ser questionado, considerando

algumas questões que desestabilizaram Joy, como: “nesses momentos sombrios, pensou em tirar a própria vida só para escapar”?; “quando ele for mais velho, contará quem é o pai”?; “quando Jack nasceu, passou pela sua cabeça pedir a quem a capturou que levasse Jack para um hospital para ser encontrado”?; “pensou em uma infância normal para ele”?; “será que isso foi o melhor para ele”? Após a entrevista, Joy está à mesa com Jack e sua mãe, enquanto Jack faz sua refeição e ela se mantém pensativa. Na cena seguinte, Joy é encontrada desacordada no banheiro, após uma tentativa de suicídio.

Outro momento mediado por um meio de comunicação é quando Jack é chamado para atender ao telefone fixo, para falar com sua mãe. Leo lhe entrega o telefone e o ensina como segurá-lo e ele se mantém em silêncio até que Leo o orienta a dizer “alô”. Jack, que nunca havia se separado de sua mãe, se manifesta, irritado com ela, dizendo para ela voltar imediatamente para casa, e solta o telefone. Não se pode afirmar que ele saberia que o telefone iria lhe permitir interagir com sua mãe, mas ao ouvir sua voz, entendeu que ela estaria o escutando e, então, ordena-lhe que volte para casa naquele momento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise, pode-se responder ao problema de pesquisa proposto, considerando que os meios de comunicação, a partir da linguagem, constituem formas de mediar as interações e de contribuir fortemente para o aprendizado. Observa-se também que o dinamismo da cultura se faz presente e os meios de comunicação são instrumentos fundamentais para seu desenvolvimento e transformação. Retomando o filme, inicialmente, a televisão é o único meio de comunicação a que Jack tem acesso e que adquire grande relevância para mediar seu aprendizado. Em um espaço pequeno, com signos internalizados por meio das interações com sua mãe, os objetos presentes e a televisão, Jack introduz uma diversidade de signos, que são internalizados e acessados conforme interage, evidenciando suas transformações culturais.

No filme, a televisão teve destaque ao ser fonte de uma diversidade de signos, que passaram a ser interiorizados por Jack, retroalimentando seu conhecimento. Ao ver uma imagem na televisão, ele era capaz de identificá-la e até reproduzi-la, como era o caso de seu cachorro, que era um desenho. Jack aprendeu o signo: ao dizer a palavra ‘cachorro’, ele era capaz de identificar a representação do animal de quatro patas. A televisão contribuiu de forma expressiva o aumento de sua zona de desenvolvimento potencial e real, pois a cada aprendizado, Jack ampliava as possibilidades de retroalimentar seu conhecimento. Isso tudo coaduna com o conceito de mediatização, que são as possibilidades interacionais a partir de um meio de comunicação e as apropriações feitas pelo Jack, sobre tudo o que aprendia pela televisão.

Vale considerar aqui que não se trata de atribuir juízos de valor às influências mediáticas no aprendizado de Jack, no que se refere aos conteúdos, mas importa o que se faz a partir do que se aprende. É inegável a importância mediática na internalização de novos signos, considerando o que se via na televisão e nas interações subsequentes com a mãe, assim como a mediatização através do smartphone, pelo qual Jack aprende a jogar e, ainda, o telefone fixo, que ele compreende que pode conversar com alguém que esteja distante. Diante do exposto, reitera-se a relevância dos meios de comunicação no processo de aprendizagem e, cada vez mais, entende-se que os meios de comunicação estão onipresentes na vida social.

REFERÊNCIAS

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (Orgs.). *Mediação & Mdiatização*. Salvador: Edufba; Brasília: Compós, 2012. p. 31-52.

BRAGA, José Luiz. Interação & recepção. In: FAUSTO NETO, Antônio (Org.). *Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade*. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2001. p. 109-136.

BRAGA, José Luiz. Mdiatização: a complexidade de um novo processo social. *IHU Online*, São Leopoldo, n. 289, 13 abr. 2009. Entrevista concedida a Graziela Wolfart. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2477-jose-luiz-braga>. Acesso em: 08 out. 2022.

BRAGA, José Luiz. Sobre "mediatização" como processo interacional de referência. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 15., 2006, Bauru. *Anais [...]* Bauru, 2006. p.1-16.

COELHO, Luana; PISONI, Silene. Vygotsky: sua teoria e a influência na educação. *Revista e-Ped – FACOS / CENEC Osório*, Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 144-152, ago. 2012.

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. *Conceitos essenciais da Sociologia*. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

HJARVARD, Stig. Mdiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. *Matrizes*, São Paulo, v.5, n.2, p. 53-91, jan./jun., 2012.

LUCCI, Marcos Antonio. A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica. *Revista de currículum y formación del profesorado, Granada*, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zelia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2018.

MOLON, Susana Inês. *Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky*. Petrópolis: Vozes, 2016.

O QUARTO de Jack. Produção de Lenny Abrahamson. Irish Film Board, 2016. Netflix. (118 min.).

SCHIESSL, José Marcelo. Ontologia: o termo e a ideia. *Enc. Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 12, n. 24, p. 172-181, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VERÓN, Eliseo. Teoria da midiatização: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. *Matrizes*, São Paulo, v.8, n.1, p. 13-19, jan./jun., 2014. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111629.pdf. Acesso em: 08 out. 2022.